

Um panorama histórico sobre o estudo do imaginário

A historical overview about imaginary's study

Solange Missagia de Mattos¹

Resumo: Esta reflexão busca entender o processo que leva o ser humano a imaginar e principalmente como a história propõe uma maneira de tornar ciência a pesquisa desse fenômeno. Não podendo seguir a mesma metodologia das ciências exatas, pesquisadores buscam novos métodos que ganham força a partir da Teoria da Relatividade. Os passos do antropólogo Gilbert Durand e seus pilares científicos, Bachelard e Eranos, elucidam um movimento histórico de tornar a pesquisa das imagens com caráter de ciência.

Palavras-chave: História; Imaginário; Durand; Bachelard; Eranos.

Abstract: This study aims to understand the process that leads the human being to imagine and especially how history suggests how to do scientific research of this phenomenon. From the impossibility to use the same methodology of the exact sciences, researchers look for new methods that gain strength from the Theory of Relativity. The steps of the anthropologist Gilbert Durand and his scientific pillars, Bachelard and Eranos, clarify a historical movement that give the search for images the character of science.

Keywords: History; Imaginary; Durand; Bachelard; Eranos.

¹ Psicóloga clínica. Analista Junguiana (ICGJUNGMG). Mestre em Ciências da Religião (PUC-Minas). Doutoranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (UFMG).

Introdução

E, contudo, cada um de nós só pode carregar a tocha do conhecimento uma parte do caminho, até que outro a assuma...

Carl Gustav Jung

“História” é um termo de origem grega que significa “pesquisa, conhecimento” advindo da investigação (BRANDÃO, 2001). No entanto, a história é mais antiga que os gregos. É de grande valia colocar a pesquisa sobre o imaginário enfatizando-se o contexto histórico, uma vez que a História estuda a ação do homem no tempo e no espaço, cruzando dados de sua existência com as dos seus ancestrais.

A primeira observação ao estudar o imaginário é a de que, desde seus primórdios, o homem imagina. Esse artigo pretende explorar o fato do homem imaginar desde sempre e só agora, a partir do século XX, a pesquisa sobre esse fenômeno adquire *status* científico, pois, apesar de todos os esforços dos clássicos da filosofia em ampliar e valorizar as imagens da mente humana, a história da pesquisa do imaginário só aconteceu no final do século XIX e, principalmente, a partir do século XX.

O modo de se estudar o imaginário com caráter ontológico é, portanto, muito novo na história da ciência. O Romantismo deu valor à imagem criadora, mas, apenas enquanto faculdade de produzir imagens, principalmente no âmbito da arte.

Os debates sobre o tema do Imaginário, no século XX, apresentam uma longa história de interesse de pesquisa, mesmo com toda complexidade do tema, em diversas áreas do saber científico. Pesquisadores dos séculos anteriores resistiam em conceber o imaginário como verdade, preferindo

atribuí-lo à categorias inferiores, considerando-o uma invenção, uma fantasia, sonhos ou ainda alucinação.

Esta reflexão pretende mostrar alguns autores que dedicam suas pesquisas ao Imaginário, buscando sempre métodos mais eficientes, fazendo história com suas pesquisas. Inicialmente, essa reflexão apresenta uma pesquisa do Prof. Amauri Carlos Ferreira, da PUC-MG, Brasil, que introduz reflexões de outros pesquisadores que aqui são nomeados com o objetivo de visualizar o panorama histórico da pesquisa.

O imaginário, expresso através das narrativas míticas, é tão intenso na história da humanidade que em determinada cultura não se consegue distinguir bem o que é história e o que imaginação, merecendo toda atenção para esse fato ao se falar sobre ele.

Apesar de muitos autores se interessarem sobre o tema, é Gilbert Durand quem formaliza o estudo sobre o imaginário e busca novos métodos de pesquisas ao fundar o Centro de Pesquisa sobre o Imaginário (1966). O centro de pesquisa fundado na Universidade de Grenoble, França, por Durand, sem dúvida teve antecedentes, pesquisadores que se enveredaram sobre esse saber. Gaston Bachelard (1884-1962) e o Círculo de Eranos (1933-1988²) foram os pilares científicos de Gilbert Durand. Em razão disso tenta-se, aqui, explorar um pouco desses passos históricos sobre o imaginário.

² As reuniões de Eranos foram interrompidas em 1988, mas atualmente um grupo de pesquisadores a retomaram.

Dados imaginários e dados históricos

O século XX, ao acolher as pesquisas sobre o Imaginário, pode estabelecer, na segunda metade de sua história, uma diferença entre os fenômenos imaginados historicamente e os fenômenos históricos, isto é, os fatos realmente acontecidos. Exemplo disto pode-se ver no mito de Adão e Eva que até o século passado era ministrado em algumas escolas como histórico.

O importante aqui é destacar que pelo fato de ser mito e pertencer à categoria do imaginário, não quer dizer que não se possa passar pelo crivo da pesquisa e que pelo fato de não serem dados históricos, não sejam dados reais inscritos em outra categoria de saber. Hilário Franco Júnior explica as três modalidades do imaginário que se entrelaçam: o mito, a ideologia e a utopia que referendam a complexidade dessa área de saber.

O mito foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente; a ideologia projeta no futuro as experiências históricas do grupo – concretas e idealizadas, passadas e presentes; a utopia parte do presente, na tentativa de antecipar ou preparar um futuro que é a recuperação de um passado idealizado (FRANCO JÚNIOR *apud* FERREIRA, 2002, p.28).

Mas, parece ser em seu caráter de representação que o imaginário ganha força, insiste Amauri, que “cria o inexistente e o torna real, ou a partir do existente cria seres que se tornam reais, para o sujeito que concebe tal existência” (FERREIRA, 2002, p.29). Nesse registro da representação é que o campo de pesquisa pode atuar.

O professor Amauri Carlos Ferreira, da PUC-MG, em sua tese de doutorado, pesquisou o Imaginário religioso e o modo de vida urbana: experiência da

juventude católica de Belo Horizonte-MG, nos anos de 1980. No primeiro capítulo de sua tese, Ferreira (2002) faz uma abordagem histórica fundamentando-se em alguns autores, principalmente Jacques Le Goff, Hilário Franco Júnior, (representantes da nova história), Wolfgang Iser, Claude-Gilbert Dubois, Creusa Capalbo, Mircea Eliade e Gilbert Durand, o que muito contribui para o estudo do tema acerca da contextualização do imaginário na história.

Atualmente o imaginário já pode ser considerado em sua essência de verdade e não enquanto matéria fictícia, ilusória, fantástica, inventiva, pois a força criadora da imagem já conquistou seu lugar na ciência. Jacques Le Goff, citado por Ferreira nos afirma que:

A história do imaginário ganha com razão um lugar cada vez maior no domínio histórico. Um crescente número de historiadores reconhecem que as imagens, as representações, as sociedades imaginárias, são tão reais quanto as outras que de maneira diferente, segundo outra lógica, uma outra consciência, uma outra evolução (LE GOFF, *apud* FERREIRA,A,C. 2002, p.24).

FERREIRA enfatiza também as palavras de Wolfgan Iser ao dizer que:

Enquanto predominou o fascínio pela crítica do conhecimento (Kant, Humer), a faculdade da imaginação permaneceu quase sempre misteriosa e em última instância inacessível ao conhecimento. Mas quando no classicismo tardio e no início do romantismo, o sujeito e sua auto-realização se tornaram o horizonte decisivo, a imaginação recebeu definições precisas que pareciam torná-la cognoscível (ISER, W. *apud* FERREIRA, 2002, p.27).

O autor destaca que “Kant e Hume estavam absolutamente certos de que a imaginação seria um adendo necessário à percepção sensorial, se o conhecimento pudesse ser visto como resultado de tal percepção” (FERREIRA, 2002, p.27-28).

Outro dado importante ressaltado por Ferreira é de que o imaginário é coletivo, pois permite entender representações coletivas que a sociedade produz, uma vez que os significados atribuídos ao real se entrelaçam com as estruturas simbólicas. Formam, assim, um conjunto de imagens visuais e verbais criado por uma sociedade ou parte dela.

Mircea Eliade, historiador das religiões, dedica toda uma obra, *Imagens e símbolos*, refletindo sobre a questão do coletivo no imaginário. Para o autor, “ter imaginação é ver o mundo em sua totalidade, pois a imagem tem o poder e a missão de mostrar tudo o que está refratário” (ELIADE, 2002, p.29).

No entanto, entende-se neste estudo, que o pesquisador que mais contribuiu para dinamizar o estudo do imaginário é Gilbert Durand (1921-2012) e este artigo pretende percorrer um pouco os seus passos que culminaram na fundação do “Centro de pesquisas do Imaginário”. Inicialmente essa instituição era situada na Universidade de Grenoble, França, onde Durand foi professor. Atualmente o Centro de Pesquisa sobre o Imaginário encontra-se instalado em Paris, de onde coordena núcleos de pesquisas em outras partes do mundo.

Principais fontes científicas da teoria de Gilbert Durand

Como se falou anteriormente, foram duas as principais fontes que fundamentam as pesquisas de Gilbert Durand: como aluno, enveredou na teoria de seu professor, o cientista, filósofo e poeta Gaston Bachelard e enquanto cientista, Gilbert Durand muito colaborou com os estudos transdisciplinares do Círculo de Eranos que culminou com a fundação do Centro de Pesquisa sobre o Imaginário. Para melhor situar a história do estudo do imaginário enquanto categoria de pesquisa científica esta reflexão passa a colocar quem foi Gaston Bachelard e o que foi o Círculo de Eranos assim como também algumas informações acerca do Centro de Pesquisa sobre o Imaginário.

Gaston Bachelard foi o cientista que marcou uma nova etapa dos estudos da epistemologia, dando ênfase à criação e colocando em relevo o valor da imagem como fonte criadora enquanto valor científico. Podemos distinguir três faces do autor em sua história de pesquisa. A primeira é a do cientista, a segunda a do pedagogo e a terceira a do poeta.

As convicções científicas de Bachelard certamente impulsionaram o ilustre aluno, Gilbert Durand, para a pesquisa sobre o imaginário, ao reconhecer e valorizar o poder da imaginação, considerada como negativa na comunidade científica da época. Seu percurso na ciência foi o de um pesquisador que tentou penetrar no além do formal provando assim, ante seus questionamentos, que em toda matéria existe um espírito.

Enquanto cientista, foi o Bachelard diurno³ fascinado pela interminável aventura de clarificação e correção de conceitos, formulador de um novo racionalismo – aberto, setorial, dinâmico, militante. Foi o filósofo que

³Diúrno, referindo-se ao logos, à razão. Gilbert Durand nomeará diurno e noturno ao Regime das Imagens.

conseguiu mostrar o papel da anti-ciência. Foi anti-bergsoniano e anti-cartesiano. No auge das reflexões filosóficas francesas ancoradas em Descartes, Bachelard resgata elementos da linguagem alemã como Novalis e Nietzsche (PESSANHA, 1986).

Para o cientista Bachelard, "tornar geométrica a representação, isto é, delinear os fenômenos e ordenar em série os acontecimentos decisivos de uma experiência" (BACHELARD, 1996, p.7) é tarefa primordial para se afirmar o espírito do cientista. Em sua obra, *A formação do novo espírito científico* (1934), teve por objetivo mostrar o destino do pensamento abstrato, procurando provar que este não é sinônimo de má consciência, pelo contrário, é sinônimo de estado de abertura para construção científica.

Partindo da tarefa primordial na qual se afirma o espírito científico, enfatiza que tal tarefa de geometrização leva a descobrir implicações mais ocultas, leis topológicas, vínculos mais profundos do que se costuma encontrar nas representações geométricas.

Nesse lugar, o pesquisador sente necessidade de trabalhar sob o espaço, no nível das relações essenciais que sustentam tanto o espaço quanto o fenômeno. Podemos verificar, na física moderna, onde o papel da matemática supera uma simples descrição geométrica, mostrando assim que a ciência da realidade vai além do "como" fenomenológico e do "porquê" matemático. Ao formular a lei geométrica, a curiosidade é substituída pela esperança de criar, enfatiza o autor, que ainda preconiza que ao ordenar, brota, no cientista, a perspectiva de uma abstração, "alerta e conquistadora" que o levará a organizar racionalmente a fenomenologia. Sendo assim, a ordem abstrata é "uma ordem provada".

Enfatiza ainda nessa mesma obra, em notas preliminares, que a tarefa de geometrização (muitas vezes com a aparência de realizada, após o sucesso

do cartesianismo, da mecânica newtoniana) começa a se revelar insuficiente. Tenta demonstrar tal insuficiência em toda sua obra que foi uma resposta, no seu tempo, à física, à química e à matemática, apresentando modificações profundas e exigindo novos conceitos epistemológicos.

Como vimos acima, para ele, o papel da matemática na física contemporânea supera, de modo singular, a simples descrição geométrica, pois, “quando se consegue formular uma lei geométrica, realiza-se uma surpreendente inversão espiritual” (BACHELARD, 1998, p.8). A imagem da criação nesse contexto rompe com a postura positivista e cientificista, e prova ainda que a imagem tem uma possibilidade de ciência.

A dinâmica histórica, proposta por Bachelard, provoca uma necessidade de se revisar continuamente o conhecimento, como ele próprio o fez, colocando em prática sua teoria e demonstrando, mediante essa revisão, que o espírito científico progride. Enfatiza ainda, que entre a ruptura e a descontinuidade do antigo, não implica a destruição do anterior, mas que o espaço existente entre eles indica uma mudança qualitativa na maneira de ver o mundo.

Para Bachelard, a noção de história recorrente aponta para uma possibilidade de que cada filósofo da ciência dialogue, no seu tempo, com cientistas do passado. Nesse conjunto de conhecimento, a história da ciência se torna depositária de tradição e continuidade; reinterpretando e enriquecendo a ciência.

Enquanto pedagogo, Bachelard não apenas introduza originalidade do espírito criador na ciência, mas também ensina o caminho que percorreu, deixando um legado para os novos cientistas para que não sejam pegos de surpresa pelos obstáculos que possam se distanciar de seu caminho de pesquisa.

Já em 1938 na obra *A formação do espírito científico*, proclama a importância da tradição e da evolução da ciência, distinguindo duas etapas no desenvolvimento do pensamento científico sob o ponto de vista histórico: estado pré-científico que engloba a Antiguidade até o Renascimento; o estado científico que vai do século XVIII até o início do século XX com a Teoria da Relatividade.

O autor afirma que a partir de Einstein (1879-1955) surge o momento do “estado abstrato”, onde o espírito adota informações voluntárias subtraídas à intuição do espaço real. Nesse novo estado, o espírito rompe com a realidade imediata inicial dos estados anteriores e concebe o real como sujeito que procura conhecer. Para o autor, a partir de então, a comunidade científica, pode contar com a queda de conceitos fundamentais tidos como fixados para sempre. A razão assume um papel multiplicador de objeções, podendo dissociar e religar as noções fundamentais e propor abstrações mais audaciosas.

A abstração é um estado em que o cientista adquire a capacidade de se abrir para o novo. Bachelard Insiste no fato de que ninguém pode arrogar-se ter espírito científico enquanto não estiver seguro de que em qualquer momento da vida poderá reconstruir todo o próprio saber e ainda destaca que todo saber científico se constrói a cada momento. Frente a isso, analisa os obstáculos para a formação do Espírito Científico.

A noção de obstáculo epistemológico é colocada pelo autor como inerente às condições psicológicas do progresso da ciência. É incisivo em dizer que “é em termo de obstáculos que o problema do conhecimento científico deve ser colocado” (BACHELARD, 1996, p.17) e que é no âmago do ato de conhecer que aparecem lentidões e conflitos, uma espécie de “imperativo funcional”, que pode ainda se estabelecer uma inércia, uma estagnação e até uma regressão a que deu o nome de obstáculos epistemológicos.

“Chega o momento em que o espírito prefere o que confirma seu saber àquilo que o contradiz, àquilo em que gosta mais de resposta do que de perguntas. O espírito conservativo passa a dominar, e cessa o crescimento espiritual” (*Ibidem*, p.19).

Em vista disto é necessário uma “psicanálise do conhecimento”, pois para o autor é o único caminho para se chegar aos valores sensíveis primitivos do argumento, é o caminho que o cientista deve se confrontar com essas forças emocionais que produzem obstáculos, para o verdadeiro espírito científico. A “psicanálise do conhecimento” é ainda uma oportunidade de se escapar do nosso espiritual. “A cabeça bem feita, precisa então ser refeita” (*Ibidem*, p.20).

O que existe de mais imediato na experiência primeira são os desejos inconsciente que constroem os obstáculos. E, para superar esse obstáculo, Bachelard busca explorar o que chamou de “caráter psicologicamente concreto da alquimia” (*Ibidem*, p.57).⁴

Fundamentado com o exemplo dos alquimistas, o autor propõe uma nova pedagogia mais humana que poderia substituir a pedagogia puramente intelectualista da ciência positiva, visto que a alquimia não é somente uma iniciação intelectual, mas também moral. A questão do autor é saber onde está o ouro, se na matéria ou no coração.

Para mostrar que a Alquimia é atual, destaca que em suas aulas de química teve oportunidade de constatar os vestígios de alquimia que ainda percorriam na mente dos jovens, quando certa vez preparava uma amalgama de amônio. Enquanto amassava o mercúrio que aumenta de

⁴ A alquimia foi condenada por químicos e escritores. Porém, alguns historiadores da química, no século XIX, reconhecem descobertas positivas dos alquimistas e mostram que a química moderna surgiu lentamente dos laboratórios dos alquimistas. Bachelard declara que nesse momento de separação, houve uma ruptura entre o objetivo e o subjetivo.

volume, via o fascínio nos olhos atentos dos alunos e se lembrava das velhas palavras de Irineu Filaletes: "Alegrem-se, portanto, se virem a matéria crescendo como uma massa; por que o espírito de vida aí está contido e, na hora certa, com a permissão de Deus, devolverá a vida aos cadáveres" (*Ibidem*, p.68).

Do ponto de vista filosófico, como apreender o real em mudança? Para isso o autor instaura uma Filosofia da Ciência Aberta a partir de duas fontes: uma a do racionalismo crítico, inspirado em Kant, e outra baseada na lógica clássica. Essa última recebe influência do surrealismo, que ele define como racionalismo dialético. Cria o termo surracionalismo para designar o rompimento com o racionalismo empirista, tentando uma abertura integral. Em vez de apenas cabeça, todo o corpo participa desse novo processo científico. Começa a se delinear a face do poeta.

Nessa face, o cientista Bachelard se permite gozar do *Direito de sonhar*, sem renunciar ao caráter científico. Expondo seu lado noturno⁵, Bachelard sonha e nos convida a sonhar.

Bachelard noturno, como ele mesmo se denominou, inova a concepção de imaginação, explora o devaneio, mergulha nas profundezas da arte e se mostra amante da poesia. Tudo isso, sem deixar sua tradição intelectual, afirmando que o novo não exclui o velho. O título designado pelos editores da coletânea póstuma, *Direito de sonhar*, publicada pela primeira vez em 1970 que reúne textos produzidos por Gaston Bachelard de 1939 a 1962, apresenta seus devaneios sobre obras de arte como quadros de Claude Monet e Marc Chagall, gravuras de Marcoussis e Flocon, esculturas de Waroquier e Chuillida, e textos literários como os de Balzac, Edgar Poe, Rimbaud, Mallarmé e Paul Eluard.

⁵ Gilbert Durand usa o termo Regime Noturno das Imagens para designar a imagem originária das profundezas.

Essa obra demonstra a afirmativa do autor, já feita anteriormente, em *O novo espírito científico* quando enfatiza que: “só conhecemos de modo rigoroso aquilo que sonhamos” (*Ibidem*, p.5) E assim ele Introduce o direito da imaginação como propulsora do saber científico, assumindo ser o cientista da fenomenologia da imaginação. A partir de então seus textos científicos compõem uma abordagem poética abordando a teoria da relatividade de Albert Einstein, e nos oferecem uma reflexão atualizada sobre os quatro elementos terra, água, fogo e ar da física antiga, e ainda uma contemplação dos alquimistas e poetas.

Essa postura revela o caráter dinâmico do saber e mostra que a ciência é elaborada com o esforço de muitos, superando erros, obstáculos e alcançando algumas verdades, denominando tal dinâmica de “cidadela científica”, mostrando a coexistência dos cientistas num horizonte aberto em que a ciência e a poesia se harmonizam e se apresentam como eixos complementares. Bachelard alerta ainda que na procura da verdade existe um prazer, uma emoção espiritual análoga ao da estética.

Com efeito, o Bachelard diurno da epistemologia, do apolíneo reino dos conceitos, é permanentemente um psicanalista do discurso científico e um pedagogo. Seu intuito não é apenas mostrar como se constrói o espírito científico novo: pretende ao mesmo tempo ensinar como a ele se chega, vencendo-se obstáculo, rompendo-se as amarras que nos prende à não ciência ou ao velho espírito científico, arraigado a seculares rotinas mentais (PESSANHA, 1986, p.9).

Como se falou no início, a reflexão sobre Gaston Bachelard é apresentada para elucidar melhor as bases da teoria de Gilbert Durand. Uma outra base pode-se encontrar nos Círculos de Eranos onde demonstra uma postura

dinâmica que culmina com a fundação do Centro de Pesquisa sobre o Imaginário, tendo como objetivo dar continuidade, nesse momento histórico, a metodologias mais eficientes para essas pesquisas, resultando um respeito maior ao caráter ontológico da imagem pela comunidade científica.

A reflexão sobre o imaginário e sobre a imaginação simbólica, iniciou-se com o Círculo de Eranos (Ascona – Suíça). Olga Froebe Kapteyn, inglesa, de descendência holandesa, inspirada por Carl Gustav Jung (1875-1961), foi quem fundou e coordenou os eventos anuais, em sua residência, desde o ano 1933. Rudolf Otto (1869-1937) propôs o nome Eranos, em homenagem aos filósofos gregos que se reuniam em jantares, sem anfitrião, onde todos levavam sua participação e se serviam. Esses jantares tinham por finalidade discutir temas filosóficos (PESSANHA, 1996).

Num gesto simbólico, os pesquisadores trocavam seus “pratos” científicos, e se serviam, assim como os gregos. O nome marcou a diferença na luta do racional com o irracional, da formalidade para a dinâmica... e quem se beneficiou foram os novos rumos das pesquisas sobre o imaginário. Seus participantes tinham, como principal interesse, uma aproximação cultural entre oriente e ocidente, favorecendo a pesquisa transdisciplinar sobre o imaginário, uma vez que tinham, em comum, a pretensão de compensar a unilateralidade da razão, confrontando-a com o imaginário, superando a não comunicação das ciências sociais e enfrentando, em conjunto, o positivismo agnóstico da ciência ocidental.

A tendência desses pesquisadores é, portanto, gnóstica-científica. Gnóstica não no sentido do movimento gnóstico da era cristã, mas no sentido cunhado por Durand que propõe um novo espírito antropológico, assim como Bachelard propôs um novo espírito científico. O autor explica que o conhecimento gnóstico busca a captação do “sentido”, que não emerge do puro “logos” racional e objetivo, mas sim do nível mais profundo das

experiências vividas, tendo o mito como a mais sublime expressão. Nos Círculos de Eranos, o sentido ocupa lugar central: sentido da vida, sentido da morte e assim como a pergunta sobre o divino.

A reflexão iniciada nos anos 30 procura sintetizar e harmonizar, no quadro de um fecundo e fecundante diálogo entre disciplinas e a partir da análise comparativo-contrastiva de práticas e procedimentos simbólicos, teorias e métodos de inspiração antropológica, filosófica, sociológica, histórica, psicológica e literária (ARAUJO; BAPTISTA, s/d, p.13).

Durante cinco décadas, várias categorias de pesquisadores deram sua grande colaboração para o novo espírito científico no Círculo de Eranos. Reuniam-se antropólogos, filósofos, teólogos, físicos, psicólogos, profissionais da arte e religiosos, todos com o objetivo comum de se interrogar e procurar o caminho de avançar na ciência do sentido. Nesse contexto:

O mito, aparecendo como uma das formas, se não mesmo a forma simbólica mais elaborada e mais complexa do Imaginário, ilustra a vocação quase fisiológica de ser estudado por disciplinas como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Literatura...A esse propósito, cumpre-nos lembrar que o mito (a metáfora é de Gilbert Durand) é um módulo da História e, por conseguinte, a ação do homem e seu móbil no desenrolar diacrônico dos acontecimentos, pertence, como bem no-lo mostro Ernest Cassirer no seu *Mito do Estado*, ao domínio do mítico, mesmo naquilo que ele possui de mais estranho, enigmático e misterioso (*Ibidem*, p.13-14).

Segundo Alberto Filipe Araújo, da Universidade de Minho, Braga, e Fernando Paulo Baptista do Instituto Piaget, Viseu, na obra *Variações sobre o imaginário*, citado nos parágrafos anteriores, foram os seguintes os membros fundadores mais ilustres do Círculo de Eranos:

Carl Gustav Jung, Mircea Eliade, Henri Corbin, Adolph Portmann, Karl Kerényi, James Hillman, Erich Neumann, Gilbert Durand, Rudolf Otto, Walter Otto, Ernst Cassirer, Gaston Bachelard, George Dumézil, Raffaele Pettazzoni, Claude Lévi-Strauss, Andrés Ortiz-Osés, Franz-Karl Mayr, Hans Blumenberg, Kurt Hübner, Manfred Frank, Joseph Campbell, todos esses interessados na hermenêutica das imagens, dos símbolos, do sagrado e dos mitos no imaginário das culturas (ARAUJO; BAPTISTA, *Ibidem*, p.3).

Carvalho (1998) salienta três etapas dos estudos de Eranos apontadas por Ortiz-Osés:

- A primeira estende-se de 1933 a 1946. É a fase da mitologia comparada, numa publicação de 14 volumes. É marcado pelo confronto do pensamento ocidental com a temática místico-mítica oriental. As publicações mais destacadas foram: "Oriente e Ocidente", "Redenção e Salvação", "A Deusa-Mãe", "Renascimento", "Gnose e Cristianismo", "Hermetismo", "Sol e Lua", "Os mistérios". "O Arquetípico", "Espírito e Natureza.
- A segunda etapa se inicia em 1947 e se estende até 1971. Foram publicados 25 volumes de revistas cujo tema foi "Antropologia Cultural". Nessa fase, Eranos pergunta-se pela Imagem do Homem, em plena guerra e pós-guerra Suas principais publicações foram: "O homem", "O

homem e o mítico”, “Os arquétipos”, “Homem e ritos”, “Homem e tempo”, “Homem e energia”, “Homem e terra”, “Homem e transformação”, “Homem e simpatia”, “Homem e criatividade”, “Homem e sentido”, “Homem e paz”, “Renovação do Homem”, “Utopia”, “O Drama Humano”, “Polaridade da vida”, “Imagem do homem” e “Fases da vida”.

A fase da Antropologia cultural chega a quatro conclusões básicas: 1. A necessidade de se repensar e de reconstruir a “*imago homine*”, 2- o homem como produtor e mediador das divisões sócio-culturais e psico-biológicas e sua responsabilidade ético-plítica e educativa, por exemplo, nas estratégias do pré-conceitos; 3- a importância da mediação simbólica na constituição instaurativa das práticas sociais e as relações dos processos simbólicos com as dinâmicas organizacionais e educativas.; 4. A cultura como instrumento de reconstrução da unidade dispersa (o “*Unusmundus*) e o “*homo Unus* em direção a um ecumenismo de teor psico-cósmico e espiritual.[...]Participaram ativamente, não só os convivas anteriores como Van der Leeuw, Scholem, Corbin, Eliade, Durand, Hilman, Radin, Jensen, Buytendijk, Plessner, Knoll, Suzuki, Benz, Tillich, Read, Zuckerkandl, Daniélou, Izutzu, Quispel. Von Uexküll, Huyghe, Servier, Holton (DE PAULA CARVALHO, 1998, p.24-25).

- Finalmente, uma terceira fase, que se estende de 1972 a 1988, com uma publicação de 16 volumes. É a fase da “Hermetênica Simbólica” ou “Antropologia Hermetênica”, onde se desenvolve uma “ontologia mito-simbólica” ou, conforme Carvalho, uma “mitologia hermetênica” que investiga quais são as atitudes arquetípicas do homem diante do sagrado. Destacando ainda a hermetênica do sentido.

As principais publicações dessa fase foram: "As Cores", "As Normas", "Pluralidade de mundos". "Unidade e diversidade", "A imperfeição", "Tempo e intemporalidade", o "Pensamento e o mítico", "Limites e limitações", "Homens e deuses", , "Corpo físico e corpo espiritual", "A beleza do mundo", "Homem e Cosmos", "O Oculto" e "Encruzilhadas".

A fase da hermenêutica simbólica chega a conclusões tanto teóricas quanto heurísticas: 1. Elabora-se uma filosofia da cultura, que veremos presentes, por exemplo, na Escola de Grenoble (o "novo espírito antropológico", NEA); 2-essa filosofia da cultura centra-se no simbolismo-mediação e na hermenêutica do *homo religiosus*;[...] são ativos: Durand, Eliade, Hilman, Miller, Von Franz, Porkert, Zahan, Fairvre, BrunmGuiomart, Ortiz-Osés (*Ibidem*, p.26).

Nesse ponto histórico, o que se percebe é que a gnose de Eranos, segue à luz do Novo Espírito Científico, deixando o legado para uma nova concepção da "ciência do Anthropos" cujo método da não mensurabilidade, da não causalidade, do não agnosticismo e da não dualidade despontam para uma nova epistemologia, numa abordagem poética-experimental e compreensiva, conforme vimos preconizada em Bachelard.

Alberto Felipe Araujo e Fernando Paulo Baptista dão testemunho de como Gilbert Durand é o impulsionador das pesquisas sobre o imaginário a partir de Eranos quando nos fala, em suas considerações iniciais, que

(...) não podemos esquecer a presença tutelar e o patrocínio de Gilbert Durand.[...] Por isso é que em sua homenagem[...] aqui deixamos um jeito de culminativo fecho as seguintes palavras suas, agudamente sábias, retiradas de um prefácio seu a uma das obras de Gilbert Bosetti (1987:vi): "O imaginário é fundamental na Ciência do Homem, por que

é ele o indicador geral da hominização. Ele contém, se assim se pode dizer, todas as 'extremidades' do trajeto antropológico. Ele é o único e específico 'cogito'. O cogito humano é um excogito. Também é ele o único fio condutor no qual se podem vir a enfiar as pérolas heterogêneas dos esquemas explicativos especializados. Ele é o único a poder organizar sistematicamente os modelos explicativos contraditórios ou divergentes (*Ibidem*, p.23-24).

Os autores citados acima, enfatizam que a posição de Durand revela uma linha assumida pelos Círculos de Eranos e, posteriormente, pelos Centros de Pesquisas do Imaginário, espalhados pelo mundo.

Pelo que pode ser observado, na história sobre a pesquisa do imaginário, o Centro de Pesquisa de Grenoble, apesar de sua distinta dinâmica, foi uma continuidade, por assim dizer, dos Círculos de Eranos aponta Denis Domeneghetti Badia, em 1999. Vários núcleos foram fundados em todo o mundo e quando Badia (1999) publicou sua dissertação de Mestrado sobre *Imaginário e Ação Cultural*, havia no Brasil instituições de pesquisas do campo do imaginário, sobretudo, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Imaginário (Mestrado em Antropologia da UFPE), Centro de Estudos de Antropologia do Imaginário, Culturanálise de Grupo e Educação (FAE-USP: Brasil). Badia pesquisa a história do Centro de Pesquisa sobre o Imaginário, trazendo uma valiosa e enriquecedora contribuição acerca de seu desenvolvimento.

O autor distingue três períodos históricos: o primeiro que se inicia em 1967 e se estende até 1981. Exatamente da fundação até à ruptura pelo "affaire Burgos". O segundo período continua em 1981 e se estende apenas até o ano seguinte, em 1982. Foi o início das articulações com os demais laboratórios de pesquisa sobre o imaginário da França e o deslocamento da coordenação de Grenoble para Paris. E o terceiro período, a partir de 1982,

Sinais - Revista Eletrônica - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil. ISSN: 1981-3988. Email: revistasinais@gmail.com

que compreende o funcionamento mais integrado dos vários Laboratórios, Centros e Equipes de pesquisa do mundo inteiro.

Na ata da fundação, dois pontos se destacaram: o primeiro foi o nome “Centro de Pesquisa sobre o Imaginário: centro de pesquisa de antropologia cultural” que indica do foco - a hermenêutica da antropologia; o segundo ponto foi a metodologia e análise temática do Imaginário, cujos resultados seriam publicados através da Universidade de Letras e Literatura de Grenoble.

Graças à intensa atividade de Durand, com os diversos Departamentos de Filosofia e Ciências Aplicadas, Centro de Pesquisa, Publicações de Revistas e Jornais de grande circularidade, no mundo inteiro, principalmente na Europa, que “o imaginário pode render,” parafraseando o próprio Durand.

O autor delinea com clareza a abordagem do imaginário e prefere chamar assim em vez de simbolismo, pois os símbolos seriam a maneira de se expressá-lo. Resgata o valor da simbolização da alma humana frente aos valores existenciais e sua relação com o universo, dando sentido ao mistério através de uma representação concreta como veremos a seguir.

A estrutura do imaginário, elaborada por Gilbert Durand, tem sua base, como dissemos anteriormente, em Gaston Bachelard e nos Círculos Eranos. O pesquisador deixa, em suas obras, um legado, que permite que novos cientistas empreendam novos questionamentos e descobertas, sendo o Centro de Pesquisa do Imaginário uma grande referência para quem queira se aprofundar melhor sobre imagens, mitos e símbolos. Pode-se atribuir ao autor duas reflexões básicas que muito auxiliam a esclarecer melhor o estudo do imaginário. A primeira é a sua gênese e segunda é a estrutura das imagens que permite perceber sua dinâmica.

Gilbert Durand

A comunidade científica, dos dias atuais, é herdeira dessa vasta pesquisa acerca do campo do imaginário e, graças a ela, pode-se aproximar cada vez mais de sua origem. Gilbert Durand, dentre suas conclusões, ressalta existir algo anterior ao arquétipo junguiano, e ao arquétipo eliadiano. Carl Gustav Jung (1875-1961), pesquisador da “Psicologia Profunda” e impulsionador dos Círculos de Eranos, define o arquétipo como um núcleo de energia do inconsciente coletivo e Mircea Eliade (1907-1986), historiador das religiões mais arcaicas da humanidade, vê, na expressão religiosa dos povos, núcleos arquetípos.

Durand mergulha em pesquisas anteriores de psicólogos da Escola de Leningrado, Rússia, e percebe existir, inerente à estrutura neuro-biológica no ser humano, um elemento diferencial dos outros animais que ele denominou de *schème*. Tais elementos são traços pré-existentes e inerentes ao *homo sapiens*, afirma Durand, e secundariamente dão origem aos arquétipos como define Jung e Eliade.

Pela existência do *schème*, inerente à estrutura dos neurônios do *homo sapiens*, Gilbert Durand, depois de muita pesquisa, chega à conclusão de que “o *homo sapiens* é *homo symbolicus*” (DURAND, 1997, p.19). O imaginário, essencialmente identificado com o mito, constitui o primeiro substrato da vida mental, nos afirma o pesquisador. Para ele, as imagens que se inserem num trajeto antropológico, iniciado no nível neurobiológico indo até ao cultural, alargam a amostra do imaginário ao conjunto das produções culturais, obras de arte, mitos... e evidenciam uma tripla lógica, de “estruturas figurativas”.

São representações criadas de acordo com as polaridades noturnas ou diurnas. A primeira, ele denominou de estrutura “mística”, (que induz

configurações de imagens), a segunda, uma estrutura heroica (que instala clivagens e oposições bem definidas), e uma terceira, com uma dinâmica cíclica que permite compor uma estrutura temporal, incluindo duas estruturas antagônicas.

Tentaremos aprofundar melhor essa estrutura do imaginário, partindo do princípio de que o *homo sapiens é homo symbolicum*. Na sua origem estão os *schèmes*, que não são apenas reflexos, mas que secundariamente, e por um movimento, a pura ação do *schème* se transforma em arquétipos que, por sua vez, só podem ser percebidos mediante suas representações.

Além de esclarecer acerca da gênese do imaginário, o autor, em sua obra, *As estruturas antropológicas do imaginário*, apresenta uma introdução à arqueologia geral e esboça, no seu final, uma filosofia do imaginário que ele denominou de fantástica “transcendental” e que, seguindo o projeto de Kant, postula a existência de um imaginário que promove um espaço fantástico ante a realidade da temporalidade humana.

O autor apresenta duas estruturas fundamentais em relação às imagens e as denomina: Regime diurno das imagens e Regime noturno das imagens. Ressalta ainda que nem sempre se consegue distinguir tão nitidamente a diferença dessas estruturas, pois, não é um “a priori” universal, como os tipos psicológicos; são imagens que podem ser avaliadas positiva ou negativamente e que a consciência pode converter de um regime para um outro.

Como ocorre essa dinâmica? Diante do destino trágico da morte e em consequência da temporalidade da existência humana, o Regime diurno assume esquemas verbais distintos: narrativas de negação do tempo e das trevas. Aqui a angústia da morte é rechaçada e representada por símbolos

terriomórficos (animais), *nictomórficos* (trevas) e *catamorfos* (queda e abismo).

Quanto aos símbolos *terriomórficos*, o autor apresenta os animais que se agrupam com valores negativos, podendo ser descritos como os répteis, os ratos, os pássaros noturnos... E os de valores positivos como as pombas, os cordeiros, os animais domésticos em geral.

É importante destacar que tais representações animais são familiares aos seres humanos desde a infância. Segundo o autor, encontra-se em Piaget, constatações de que as crianças às vezes sonham com animais sem nunca terem visto antes, assim como também brincam com tais imagens. Além do pensamento primitivo individual, existe no imaginário coletivo, uma fabulosa mitologia dos costumes animais. A salamandra, por exemplo, aparece ligada ao fogo, a raposa à astúcia, a serpente é um animal que pica, o pelicano abre o coração, a cigarra nos entenece e o ratinho causa repugnância.

Outro dado importante enfatizado pelo autor é de que o imaginário é refratário ao experimental, pois a orientação *teriomórfica* da imaginação forma uma camada profunda que a experiência nunca poderá contradizer. Ela mascara tudo o que não serve para atingir seu objetivo, que é atenuar a temporalidade da existência humana.

O simbolismo *nictomórfico*, que são as trevas noturnas, constitui o primeiro símbolo do imaginário dos povos primitivos e, está ligado à religiosidade. Durand colocano cenário, o templo *Kala*, na Índia cuja *etmologia* é *Kali* que significa negro, sombrio, citando Eliade, enfatiza que o templo é negro porque é irracional. A cultura helênica e escandinava também oferecem mitos, expondo um imaginário com muito simbolismo da noite.

No entanto, ressalva Durand, encontra-se ainda esse arquétipo, no seu lado positivo, em vários contos de fadas, ligado à sabedoria, pronto para

conciliar-se com o jovem, herói da luz, príncipe que se casa com a princesa, filha do rei velho. Na mitologia grega, o cego apresenta-se com uma função positiva como no caso de Tirésias, o cego que revela os Oráculos de Delfos, dando à luz o que estava oculto.

São inúmeras as festas populares cristãs que se expressam em ritos religiosos, com a presença da luz. As mais universais são a Páscoa, o Natal e as festas de São João.

A terceira representação simbólica é a *catamorfica*. A literatura oferece numerosos símbolos e lendas onde aparecem o aspecto *catastrófico* da queda, da vertigem, da gravidade ou do esmagamento. Dentre eles podemos destacar a figura de *Ícaro* e *Faetonte*.

Sobre a experiência do medo no ser humano, o autor destaca que, logo após o nascimento, o recém-nascido é submetido a movimentos bruscos, constituindo a primeira experiência humana da queda. Ela seria a primeira experiência de medo.

O instrumento ascensional por excelência encontrado na prática religiosa são as asas. Em São Miguel, o arcanjo cristão vencedor do demônio, seria um Apolo pré-grego e equivaleria também à águia romana, ao corvo germânico e céltico. Ele é essencialmente mensageiro da vontade do alo.

Pela ascensão, o caminho do centro que deveria ser mais simples, se torna *meândrico* e labiríntico, devido às imagens angustiantes do precipício e, portanto, mais difícil. É preciso descer... como se pode observar em vários relatos literários, dentre eles o da *Ilíada*, quando a deusa Atena segura a flecha de Diomedes e a abaixa. O herói percebe que é necessário outro caminho.

Para o autor, a descida é uma transmutação direta dos valores da imagem. Descer para encontrar as quietudes pré-natais, assim fala Durand. Esse processo de inversão é um paradoxo, pois, conforme Bachelard, a queda transmutada em descida se torna prazer. Lendas e contos populares ressaltam tal paradoxo quando proclamam: “o ladrão roubado”, o “o enganador enganado”, “aquele que pensava em pegar, foi apanhado”...

Outro aspecto importante ligado ao Regime Noturno das imagens destacado pelo pesquisador é a melodia. Durand também enfatiza que o simbolismo da melodia é o mesmo que o das cores e que é o tema mais primitivo da psique. A alquimia mostrar que o mercúrio teria a dupla significação de prata viva, isto é, de metal e alma cósmica.

Mas, o íntimo do íntimo, destaca Durand, é o ouro, o sol fundamental que polariza toda a operação alquímica. O ouro com que o alquimista sonha é o ouro filosfal, a pedra maravilhosa, “tinta vermelha”, “elixir da vida”.

Como foi mencionado no início do capítulo, é importante destacar também no final que nos símbolos do Regime Noturno das imagens está contido algo do Regime Diurno, e que a síntese desse processo conserva algo de sua origem, isto é, traz uma marca desses dois Regimes da Imagem proposta por Gilbert Durand.

Considerações Finais

Muito se poderia dizer acerca da História e do Imaginário. Esta reflexão faz apenas um recorte de alguns autores que marcaram a virada histórica onde o imaginário pode adquirir um caráter de verdade e pode ser pesquisado com novos métodos científicos.

Depois de percorrido passos da história da pesquisa sobre o imaginário, pode-se perceber o quanto a ciência acompanha o horizonte histórico de cada época. Desde sempre o homem faz história e ciência com suas perguntas e respostas, alargando ou reduzindo saberes.

O diálogo entre ciência e psicanálise, que aqui se fala através do imaginário, sempre esteve presente, através de cientistas apossados por buscar e encontrar uma resposta para além do fenômeno, desafiando o cogito cartesiano: “penso, logo existo” (DESCARTES, 1596-1650).

O oriente sempre deu uma grande lição por saber usufruir do imaginário. No ocidente, porém, com sua marca racionalista, sobretudo a partir do Iluminismo e até os nossos dias, uma forte corrente defende o sujeito cartesiano como segurança da ciência. No entanto, a partir da psicanálise, apesar de ainda reduzir o imaginário, deu-se um impulso para que cientistas dessa área do saber pudessem enveredar pela pesquisa do desconhecido.

Mas, sobretudo com Carl Gustav Jung (1875-1961), as pesquisas sobre esse fenômeno do imaginário se entrecruzam transdisciplinarmente através do Círculo de Erano. Jung encontra na Alquimia e na Física Moderna o alibi para o confronto de suas experiências empíricas. Sem dúvida, como se falou nessa reflexão, foram a Teoria da Relatividade e a Física Quântica quem tornaram possível o diálogo entre a história da ciência e os estudos da imaginação.

As pesquisas sobre a individuação vão se afastando do sujeito cartesiano, do sujeito já constituído, para abrir-se numa relação do devir. Podemos citar Simondon (1924-1989), que vindo da termodinâmica, propõe uma interação do indivíduo com a máquina, dando a esta um movimento, uma metaestabilidade.

A seguir, Deleuze (1925-1995), ancorado no pré-indivíduo de Simondon se associa a Guattari (1930- 1992) num enfrentamento ao sujeito cartesiano ainda existente em Jacques Lacan (1901-1981). Deleuze & Guattari trazem a expressão: corpo sem órgão e máquinas desejantes desafiando, com o anti-édipo os saberes estáticos, já constituídos.

Como se pode ver, hoje somos portadores desse novo medelo de pesquisa, pois os heróis cientistas o desbravaram num diálogo constante com a história. Cabe a nós continuar e pegar a tocha, lembrando a frase de Jung colocada no início desta reflexão.

Referências

ARAUJO, Felipe Alberto e BAPTISTA, Fernando Paulo (orgs) (2003). *Variação sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenéuticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

BACHELARD, Gaston (1986). *O direito de sonhar*. 2ed. São Paulo: Difel.
_____. (1996). *A formação do espírito científico*. R.Janeiro: Contraponto.
_____. (s/d). *O novo espírito científico*. 2 ed. Lisboa: Ed.70.

BRANDÃO, Junito (2001). *Dicionário mítico-etimológico*. V.I. Petrópolis, RJ: Vozes.

DE PAULA CARVALHO, José Carlos (1998). *Imaginário e mitologia: hermenêutica dos símbolos e história da vida*. Londrina: Editora UEL.

DOMENEGUETTI BADIA, Denis (1999). *Imaginário e ação cultural*. Londrina: Editora UEL.

DURAND, Gilbert (1996). *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.
_____. (1997). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: M. Fontes.
_____. (2002). *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Editora Difel.

ELIADE, Mircea (2002). *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes.

Sinais - Revista Eletrônica - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil. ISSN: 1981-3988. Email: revistasinais@gmail.com

FERREIRA, Amauri Carlos (2002). *O imaginário religioso e modos de vida urbana: experiência da juventude católica em Belo Horizonte – Brasil*. Tese de doutorado, Universidade Metodista de São Paulo.

ISER, Wolfgang (1996). *O fictício e o imaginário: perspectiva de uma antropologia literaria*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.

JAPIASSU, Hilton (1976). *Para ler Bachelard*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

JUNG, Carl Gustav (1998). *Vida simbólica*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

MISSAGIA DE MATTOS, Solange (2013). *Simbolismo do herói: uma abordagem sobre a ciência do imaginário*. Curitiba: Editora CRV.

MOTTA PESSANHA, José Américo (1986). "Apresentação". In: BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. 2ed. São Paulo: Difel.

NICOLESCU, Basarab (2008). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Trion.